



Nuno Costa Santos

Um drama de todas as ilhas

“Que o Senhor Santo Cristo dos Milagres vos ajude principalmente à ilha São Jorge. Abraço daqui da Ilha São Miguel”. Outro fenómeno a que se assiste é o da solidariedade inter-ilhas. Se uma sofre, as outras sofrem todas. E não, não são apenas aquelas que estão perto de São Jorge, também potenciais alvos dos abalos. Pessoas de outras ilhas do arquipélago, distantes das ocorrências. É a consagração dentro da forma como nos olham. Nas abordagens públicas e privadas de pessoas que vivem no continente a palavra “Açores” aparece sempre.”

Debaixo de um post de facebook com informações oficiais actualizadas sobre a actividade sísmica em São Jorge, a caixa de comentários revela aquilo que os Açores são desde o povoamento: um lugar de religiosidades muitas, que uma sociedade cada vez mais secular tende a não compreender e até a condenar - como se uma atitude religiosa correspondesse a um comportamento primário, de quem ainda não se sintonizou com os avanços da ciência. Exemplos de comentários, escritos com a pressa de quem cai em erros formais na pressa de revelar o sentimento.: “Força e coragem e determinação Deus vai proteger”. “Senhor Santo Cristo Proteja a todos acalme a terra”. “Os açorianos são resistentes. Que os deuses permitam um pouco de PAZ”.

Lembre-se que os tremores de terra foram um dos motivos - o maior - pelos quais os açorianos procuraram no divino um alento para as fúrias e os males da Natureza. Sem essa conversa, sem essa súplica, o desespero é ainda maior. Os seres humanos insulares ficam ainda mais reduzidos, ainda mais sozinhos, sem uma mão a que se agarrar. Ler os comentários de internet sobre o que se está a passar em São Jorge é uma forma de compreender um povo. As palavras vêm de quem vive no espaço das ilhas e da emigração. “Aqui de Hamilton Canadá orando por São Jorge e seus habitantes”. “Jorgense da Califórnia enviando um abraço ao nosso povo das Manadas e São Jorge”.

“Que o Senhor Santo Cristo dos Milagres vos ajude principalmente à ilha São Jorge. Abraço daqui da Ilha São Miguel”. Outro fenómeno a que se assiste é o da solidariedade inter-ilhas. Se uma sofre, as outras sofrem todas. E não, não são apenas aquelas que estão perto de São Jorge, também potenciais alvos dos abalos. Pessoas de outras ilhas do arquipélago, distantes das ocorrências. É a consagração dentro da forma como nos olham. Nas abordagens públicas e privadas de pessoas que vivem no continente a palavra “Açores” aparece sempre. É nos Açores que os sismos estão a ocorrer. É aqui que pode surgir um vulcão com a potência do vulcão das Canárias. Os Açores todos em agonia, em desequilíbrio por causa da dificuldade maior sentida numa das ilhas do conjunto. E, temo-lo visto, o acolhimento de outras ilhas de jorgenses tem sido generoso e imediato. As pessoas ajudam e abrem as portas como acontece nas famílias. Estamos aqui uns para os outros. É um drama de todas as ilhas.

Em relação aos olhares exteriores, mais uma vez se prova que o desconhecimento do continente em relação aos recantos do arquipélago é grande. Por mais que muita gente diga o contrário, continuamos a habitar umas “ilhas desconhecidas” em relação a elementos básicos. Se podia ser diferente? Poderia. Pelo menos um pouco. Os jornalistas das várias estações destacados para pisar o terreno e contar as histórias poderiam ter outro cuidado na preparação. A leitura de um mapa, uma conversa com os locais, ajudará a tapar os buracos da ignorância. Escrevo-o sem preconceito nem deploráveis intentos divisionistas do género “nós é que

somos bons”. É reconhecido que os melhores trabalhos jornalísticos sobre o que se está a passar têm sido os realizados pela RTP Açores. A jovem jornalista Eduarda Mendes, que está a viver há muito pouco tempo em São Jorge e, sem o esperar, encontrou um desafio extremo, tornou-se a profissional mais credível na narração dos episódios sísmicos e da sua evolução. Porque Eduarda não persegue sensacionalismos e ambições nas audiências mas sim o relatar sério de factos e de sentimentos verdadeiros. Uma resposta aos críticos da existência de uma televisão açoriana. A necessidade de haver uma televisão pública nos Açores torna-se evidente em situações como esta. Até por conhecimento de causa, à conta do nosso isolamento ancestral e ainda existente, somos os melhores a contar-nos. Neste ponto, como noutros, não podemos esperar ajudas. Sim, auto-suficientes até na informação.

Outra notícia tem emergido nos jornais. Incide na, se quisermos, modalidade patológica da açorianidade. Refiro-me à misteriosa e impressionante doença de Machado-Joseph, surgida há cerca de 2000 anos na Ásia, mas com uma conhecida prevalência nos Açores. Uma doença neurodegenerativa hereditária rara, manifestada no princípio da idade adulta e com consequências graves na coordenação motora - em especial na marcha. Os números. Existem 235 doentes identificados nos hospitais e 83 habitam as unidades de saúde dos Açores. A ilha das Flores, sabe-se, é a que concentra o maior número de casos - um em cada 135 pessoas. Vai havendo nova discussão pública sobre o assunto. Leio que tem havido conversa sobre a doença e as formas de melhor a enfrentar. Uma petição recente, na qual se revela a premência de uma intervenção diferenciada, reivindica a presença de um cuidador a tempo inteiro para o apoio aos doentes, com vista a permitir uma vida profissional dos cônjuges e de outros familiares, e a visita ao domicílio de especialistas nas áreas da terapia da fala, da motricidade e da fisioterapia. A Comissão dos Assuntos Sociais do Parlamento, reconhecendo as limitações actuais no sentido de dar resposta cabal ao problema, considera que a intervenção dos cuidadores tem de ser necessariamente complementada com o acompanhamento de outros especialistas, realizado em espaço próprio. Ficou-se a saber também de uma intenção governativa de alterar a lei para atender ao caso concreto e do gesto, governamental também, feito há pouco tempo, da candidatura, no contexto do Programa Operacional 2030, do projecto de criação de um lar residencial e de um centro de dia da associação que se ocupa a doença. Quaisquer que sejam as medidas e as suas consequências, dada a sua especificidade, é de dar uma atenção especial a esta doença que afecta concidadãos, criando-lhes dificuldades extremas, muitas delas desaguando em depressão e ansiedade, e condicionando aqueles que, na família, deles se ocupam, com grande sacrifício pessoal. À semelhança do que acontece com o drama de São Jorge, este é um problema de todos nós.